



Instituto Politécnico
de Castelo Branco

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Roque, Miguel Nuno da Cunha

**Contribuição para o estudo da bioecologia e
previsão de riscos da *Rhagoletis cerasi* L. (mosca-
da-cereja) na região da Cova da Beira**

<https://minerva.ipcb.pt/handle/123456789/2308>

Metadados

| | |
|---------------------------|--|
| Data de Publicação | 1991 |
| Resumo | A região da Cova da Beira é uma área frutícola por excelência, responsável por uma parte apreciável da produção nacional de maçã, cereja e pêssego. Além destas culturas encontra-se ainda vinha, pomares de pereira e ameixeira, olival e, mais recentemente, actinídia (kiwi), aveleira e pequenos frutos. O castanheiro também aparece em povoamentos tradicionais mais ou menos dispersos e irregulares (RAMOS, 1990). A área destinada à cultura da cerejeira tem vindo a aumentar anualmente, embora não se p... |
| Tipo | report |
| Revisão de Pares | Não |
| Coleções | ESACB - Produção Agrícola |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-13T02:30:48Z com
informação proveniente do Repositório



ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

**Contribuição para o estudo da
bioecologia e previsão de riscos
da *Rhagoletis cerasi* L. (mosca-da-cereja)
na região da Cova da Beira**

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Relatório do Trabalho de Fim de Curso

Miguel Nuno da Cunha Roque

— • —

CASTELO BRANCO

1991

INDICE DE MATÉRIAS

| | Pág. |
|---|------|
| INTRODUÇÃO | 011 |
| 01-CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DA COVA DA BEIRA | 013 |
| 02-POSIÇÃO SISTEMÁTICA E NOMES VERNÁCULOS | 015 |
| 02.1-Posição sistemática | 015 |
| 02.2-Nomes vulgares da mosca da cereja em Portugal | 015 |
| 02.3-Nomes usuais em cinco países da Europa | 015 |
| 03-DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA | 016 |
| 04-PRINCIPAIS HOSPEDEIROS DA MOSCA DA CEREJA | 018 |
| 05-PREJUÍZOS CAUSADOS PELO ATAQUE DA MOSCA DA CEREJA | 019 |
| 06-MORFOLOGIA | 021 |
| 06.1-Ovo | 021 |
| 06.2-Larva | 021 |
| 06.3-Pupa | 024 |
| 06.4-Adulto | 024 |
| 07-CICLO DE VIDA | 027 |
| 08-COMPORTAMENTO | 030 |
| 09-INSECTOS AUXILIARES | 033 |
| 09.1- <u>A. bipunctata</u> e <u>C. septempunctata</u> | 033 |
| 09.1.1-Characterísticas | 033 |
| 09.1.2-Habitat | 033 |
| 09.1.3-Reprodução | 034 |
| 09.1.4-Alimentação | 035 |
| 09.2- <u>Chrysopa</u> sp. | 035 |
| 09.2.1-Characterísticas | 035 |
| 09.2.2-Habitat | 036 |
| 09.2.3-Reprodução | 036 |
| 09.2.4-Alimentação | 037 |
| 09.3- <u>Raphidia xanthostigma</u> Sch. | 037 |
| 09.3.1-Characterísticas | 037 |
| 09.3.2-Habitat | 038 |
| 09.3.3-Reprodução | 038 |

| | Pág. |
|--|------|
| 09.3.4-Alimentação | 039 |
| 10-MÉTODOS DE PREVISÃO | 041 |
| 10.1-Somatório de temperaturas | 041 |
| 10.2-Eclosão de adultos | 046 |
| 10.3-Armadilhas | 046 |
| 10.3.1-Resposta da mosca da cereja a rectângulos coloridos | 049 |
| 10.3.2-Seleccção de armadilhas tipo | 050 |
| 10.3.2.1-Forma | 050 |
| 10.3.2.2-Dimensões | 051 |
| 10.3.3-Características das armadilhas tipo | 053 |
| 10.3.4-Influência do posicionamento da armadilha na sua eficácia | 055 |
| 11-MEIOS DE PROTECÇÃO | 057 |
| 11.1-Luta autocida | 057 |
| 11.1.1-Técnica do insecto esterilizado por radiações (SIT) e Geneticamente (GESIT) | 058 |
| 11.1.2-Técnica do insecto incompatível (IIT) | 060 |
| 11.2-Controle por atractivos químicos e repelentes | 062 |
| 11.2.1-Atractivos alimentares | 062 |
| 11.2.2-Feromonas sexuais | 063 |
| 11.2.3-Repelentes | 063 |
| 11.2.3.1-Feromonas de dispersão | 064 |
| 11.3-Luta biológica | 064 |
| 11.4-Luta química | 065 |
| 12-MATERIAL E MÉTODOS | 068 |
| 13-RESULTADOS | 071 |
| 14-DISCUSSÃO E CONCLUSÕES | 085 |
| BIBLIOGRAFIA | 095 |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

A região da Cova da Beira é uma área frutícola por excelência, responsável por uma parte apreciável da produção nacional de maçã, cereja e pêsego. Além destas culturas encontra-se ainda vinha, pomares de pereira e ameixeira, olival e, mais recentemente, actinídia (kiwi), aveleira e pequenos frutos. O castanheiro também aparece em povoamentos tradicionais mais ou menos dispersos e irregulares (RAMOS, 1990).

A área destinada à cultura da cerejeira tem vindo a aumentar anualmente, embora não se possam precisar com rigor valores de produção e rendimentos unitários nem sequer a própria superfície cultivada (LUZ, 1987). SARAIVA (1985) estimou a área nacional de cerejeira em 4 000 ha, ou seja cerca de 0,3% da área frutícola total. Segundo o Ministério do Planeamento e Administração do Território (MPAT, 1989), a área ocupada pela cultura, na região da Cova da Beira, deve situar-se em cerca de 1 200 ha, 80% dos quais no concelho do Fundão.

Aproveitando as características edafo-climáticas específicas desta região os fruticultores têm vindo a implantar novos pomares, apresentando esta cultura um grande incremento nos últimos anos.

Apesar deste aumento da área cultivada, a cerejeira debate-se com alguns problemas agrupados em duas ordens distintas: uma cultural e outra sanitária. Os pomares mais antigos, enxertados em porta-enxertos francos, apresentam um porte demasiado alto conduzindo a elevados custos de colheita. Os pomares mais recentes enxertados em Prunus mahaleb L. (cerejeira Santa Lúcia) apresentam alguns problemas de falta de afinidade, especialmente com as cultivares do tipo “Bigarreaux”, que só se fazem sentir com gravidade ao fim de alguns anos.

A agravar esta situação é de referir que muitos dos pomares de cerejeira, especialmente os mais recentes, estão atacados de cancro bacteriano (referido localmente por gomose), muitas vezes já a partir do material de propagação. Alguns destes problemas sanitários estão frequentemente associados com os casos de incompatibilidade de enxertia (RAMOS, 1990).

Segundo a legislação portuguesa em vigor referente à exportação de cereja para Inglaterra, em virtude das exigências fitossanitárias deste país apenas é possível exportar cerejas até ao dia 30 de Maio de cada ano. Estas restrições tornam bastante difícil, sobretudo em certos anos, enviar qualquer cereja de qualidade com valor significativo (MATOS, 1978).

Dado o elevado valor que a cereja representa para a economia da Cova da Beira, não se torna necessário realçar o interesse e a necessidade em a apresentar sanitariamente isenta de parasitas, tanto no mercado externo como no interno (MATOS, 1978).

Uma vez que as restrições do mercado se devem, fundamentalmente, à presença da larva da Rhagoletis cerasi L. (mosca da cereja) nas cerejas produzidas em Portugal, tornou-se para nós essencial contribuir para um estudo da bioecologia e previsão de riscos desta praga, de forma a tentar definir os períodos de risco de ataques, a presença de larvas nos frutos e a sua importância, o estabelecimento das correctas intervenções fitossanitárias e a adopção da armadilha cromotrópica mais eficiente. A variabilidade das

condições meteorológicas ao longo dos anos torna este estudo demorado para se conseguirem conhecimentos válidos sobre as relações praga—hospedeiro—ambiente, acompanhando-o com uma breve caracterização de alguns insectos auxiliares mais frequentes.